

V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura

27 a 29 de maio de 2009

Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

OS DESPREZADOS A AGRESSÃO MASCULINA NOS VÍDEOS PORNÔS E OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO E DIFERENCIAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Edílson Brasil de Souza Júnior¹

Resumo

Os filmes pornográficos contêm em suas tramas aspectos que, captando as expectativas do espectador, completam o sentimento de realidade do mesmo, ao apresentarem histórias que reforçam binômios essenciais ao processo de identificação e diferenciação. Mas, se a intenção principal desse produto midiático é a obtenção de prazer instantâneo por meio do simulacro sexual percebido como real, a partir da manutenção dos estereótipos de comportamento sexual, por que a agressão é tão recorrente nesses materiais? E por que, no caso dos filmes gays, essas ações de violência física e/ou verbal são geralmente direcionadas aos homens em posição sexual passiva? É sobre essas questões que o trabalho pretende dialogar, tendo como base as reflexões acerca da sexualidade masculina e dos processos de identificação e diferenciação na contemporaneidade.

Palavras-chave:

Subjetividade / Corpo / Vídeo / Identidade / Sexualidade

Texto do trabalho

O homem e o sexo, o feminino e o medo.

No século que começa, da mesma forma como no que terminou, a sensibilidade exige do homem uma transparência emotiva para que ela – a sensibilidade – se mostre e finalmente possa mudar alguma coisa nessa ordem ultrapassada de repressão, imposição e agressão, geradas em nome da auto-afirmação viril. Por isso mesmo,

“A época atual é o primeiro período em que os homens estão descobrindo que eles próprios são homens, ou seja, possuem uma ‘masculinidade’

¹ Mestrando do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível – Capes. E-mail: junior.ratts@yahoo.com.br.

problemática...” e que “mais do que nunca o homem é um problema a ser resolvido, e não algo dado”. (BADINTER, 1993, p. 5).

E dentre os vários problemas acerca dessa sexualidade que se questiona e se descobre, um deles faz-se extremamente necessário comentar nesse trabalho: a aceitação – ainda que a contra-gosto, algumas vezes - da feminilidade como característica inerente ao gênero masculino. Isso porque “tanto no interior como no exterior de si próprios, os homens teriam necessidade ao mesmo tempo de masculinidade e de feminilidade, ainda que isso ocorra em graus diversos e por motivos diferentes” (DORAIS, 1994, p. 48).

“Apesar do homem ter as mesmas necessidades psicossociais da mulher – ou seja, ser ativo e passivo, amar e ser amado e manifestar emoções e sentimentos (Jourard citado por Boris) – a ilusão viril, ainda em grande parte, continua proibindo e limitando o homem na expressão de suas reais necessidades e na adoção de algumas atitudes verdadeiramente humanas” (BORIS, 2002, p. 46).

Daí que, como conseqüência do exercício da virilidade (em seu sentido negativo), essa necessidade pelo feminino ainda não seja aceita pela maioria dos homens, sendo muitas vezes mal interpretada e, a partir dessa incompreensão, excluída das práticas sociais e sexuais masculinas. Por conta ainda da tentativa de exclusão da feminilidade, atos de agressão podem ser investidos contra indivíduos que tragam em si a representação do feminino, como é o caso dos homossexuais.

“Ver um homem efeminado desperta enorme angústia em muitos homens, pois desencadeia neles uma tomada de consciência de suas próprias características femininas, como a passividade e a sensibilidade que eles consideram um sinal de fraqueza” (BADINTER citada por NUNAN, 2003 p. 92).

É por isso que alguns homens, na tentativa de reprimir seus desejos ligados ao feminino (e suas variantes), a partir de uma “demarcação de terreno” entre eles e os sujeitos sociais que representam esses desejos, utilizam-se da violência contra si (auto-repressão) e principalmente contra o próximo. Violência que pode ser física, mental, verbal e, até mesmo, audiovisual (através da visualização da agressão masculina contra mulheres e outros homens em produtos midiáticos, como os filmes pornográficos, por exemplo). Enfim, porque sentem que ao se aproximar do feminino e suas representações, correm o risco de perder sua virilidade e também outros aspectos significativos de seu gênero é que diversos homens se valem da força física e da

imagem da força física para se auto-afirmarem. “O cotidiano dos homens não é constituído de estimulação, contato e expressão imediata do que sentem, mas, ao contrário, da disciplina do sentir e do condicionamento a comportamentos estereotipados viris e agressivos” (NOLASCO, 1995, p. 46).

“...a virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de ‘verdadeiros homens’. Inúmeros ritos de instituições, sobretudo os escolares ou militares, comportam verdadeiras provas de virilidade, orientadas no sentido de reforçar solidariedades viris. Práticas como, por exemplo, os estupros coletivos praticados por bandos de adolescentes (...) têm por finalidade pôr os que estão sendo testados em situação de afirmar diante dos demais sua virilidade pela verdade de sua violência, isto é, fora de todas as ternuras e de todos os enternecimentos desvirilizantes do amor, e manifestar de maneira ostensiva a heteronomia de todas as afirmações da virilidade, sua dependência com relação ao julgamento do grupo viril” (BOURDIEU, 2002, ps. 66 e 67).

O cotidiano masculino é, pois, formado por uma série de privilégios sociais e por uma constante (auto) repressão emocional² (que gera, como consequência, uma perda afetiva³), administrada a partir de regras de conduta social presentes principalmente nos discursos que permeiam a vida em sociedade. O que demonstra que “um homem não escolhe o que ele quer ser, isto já foi feito socialmente, e a ele resta senão conformar-se e endossar, quase sob a forma de uma crença, o que compreende pelo significado de ser um homem” (NOLASCO, 1995, p. 95).

Essa (auto) repressão condicionada pela idéia de imposição do masculino sobre as variantes sexuais, muitas vezes, resulta no repúdio aos indivíduos que manifestam comportamentos sociais e sexuais considerados inadequados em relação ao padrão social vigente. Isso porque, ao incorporarem a passividade (em seu sentido mais amplo), esses indivíduos desestabilizam o binômio masculino/feminino, importante na referencialidade daquilo que é considerado normal e anormal.

“Pode-se dizer que a identidade masculina está associada à atividade, ao fato de possuir, tomar, penetrar, dominar e se afirmar, se necessário à força. A identidade feminina, à passividade, docilidade e submissão. Dentro desta lógica,

² “O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõem a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade” (BOURDIEU, 2002, p. 64);

³ “A liberdade social conferida aos homens não encontra correspondente nos encontros afetivos. O imaginário masculino desenhado pelos textos gregos encontra eco e ressoa, ainda hoje, no cotidiano dos homens, remetendo a afetividade masculina para uma camisa-de-força da qual ainda não conseguiu se desvencilhar. Permissão para fazer não significa liberdade para sentir” (NOLASCO, 1995, p. 102).

a homossexualidade (que é uma dominação do homem pelo homem) é considerada ou uma doença mental ou uma perturbação da identidade de gênero que ameaça a manutenção da superioridade do sexo masculino” (BADINTER, 1993, p. 99).

É pela necessidade de conservação da dicotomia social feminino/masculino e pela incompreensão de alternativas que ponham em xeque a solidez desse binômio, entre outros fatores, que os homossexuais são estigmatizados e perseguidos. Por conta dela, “os homossexuais se tornam uma ameaça não por violar tabus sexuais, mas por ir contra normas de gêneros” (IDEM, p. 81). E nas palavras de Badinter: “A homofobia é parte integrante da masculinidade heterossexual, a ponto de desempenhar papel psicológico essencial: deixar claro quem não é homossexual e mostrar quem é heterossexual” (IDEM, p. 11). Por isso mesmo, a questão da agressão nas produções pornôis, como poderei mostrar, está associada não somente à afirmação da soberania do masculino sobre as mulheres e os homossexuais, mas está também intimamente ligada, por meio dessa auto-afirmação, à constituição da identidade heterossexual na contemporaneidade.

E este processo se dá a partir da diferenciação, do reconhecimento do próximo como um “outro”. Da identificação daquilo que não se quer ser. Por meio da agressão, revela-se o outro feminino, que estabiliza, através de suas *performance da inferioridade*, as expectativas identitárias do homem heterossexual. “A definição daquilo que é considerado aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável, antinatural” (SILVA, 2007, p. 84). Por isso mesmo, “a preservação do vocabulário ‘homossexualidade & heterossexualidade’ corre risco semelhante ao da preservação do vocabulário do “branco & negro” (COSTA, 1992, p. 37).

Diante da afirmação e tendo em mente que a sexualidade do indivíduo é geralmente coagida a se auto-afirmar para assim afirmar a soberania do gênero, fica explicado também porque alguns discursos acerca da sexualidade ainda possuem o mesmo teor preconceituoso de décadas atrás, principalmente aqueles de conteúdo homofóbico. Como menciona Adriana Nunan: “os ataques a indivíduos que se desviam de papéis de gênero tradicionais pode ser compreendido como uma forma socialmente aprendida de controlar o desvio...” (NUNAN, 2003, p. 83).

Neste sentido, evidencia-se uma das maiores preocupações relativas à conservação dos padrões sociais masculinos de comportamento: a separação clara e

necessária entre o feminino e o masculino, em todos os sentidos, do mais simples aos mais complexos. Não só no que se refere ao distanciamento entre homens e mulheres, mas entre homens e outros homens que exercem um comportamento sexual considerado inadequado por ser percebido socialmente como uma forma de representação do feminino.

Essa advertência sobre a distância nítida entre os sexos, entre o feminino/masculino, passivo/ativo é uma preocupação que vêm desde a Grécia Antiga, passa pelo Império Romano⁴ e chega à atualidade, desencadeando, por vezes, problemas à sexualidade do homem moderno. Afinal, “o medo da passividade e da feminilidade é tão forte justamente porque estes são os desejos mais poderosos e mais reprimidos pelo homem” (BADINTER, 1993, p. 56) e a luta contra estes desejos resulta em atitudes de agressão a si e, principalmente, ao próximo considerado perigoso e desviante.

O homem e o mundo, o sexo e as binarides

A agressão pode ser entendida como um dos métodos utilizados no processo de referenciar, de afirmar o “outro” sexual. A agressão pode ser útil para mostrar quem são Eles (as mulheres e os homossexuais) e quem somos Nós (os homens heterossexuais, mesmo aqueles que exercem práticas sexuais homoeróticas ativas). E os meios midiáticos, entre outros mecanismos da contemporaneidade, são extremamente importantes nesse processo de exibição e classificação dos indivíduos sexuais⁵, o que acontece através do gênero narrativo.

“...a questão do gênero narrativo está relacionada com uma necessidade antropológica de criar determinadas convencionalidades históricas. A partir dessas convencionalidades se estabelece um acordo social sobre o sistema de regras e princípios artísticos que visam garantir a universalidade dos signos antropológicos-imaginários. Trata-se de um construto organizador e configurador das estruturas conscientes e inconscientes, mobilizadas pela imaginação e comunicadas através dos variados processos de constituição do texto midiático” (TESCHE, 2006, p. 79).

⁴ “Na Antiguidade grega e romana, enquanto a sexualidade lícita para as mulheres livres se limitava à reprodução dentro do casamento, todos os prazeres eram permitidos aos homens livres adultos, desde que não pusessem em risco a sua posição social. (...) Eram condenáveis todas as situações em que o homem livre se comportasse de maneira ‘débil’ ou se deixasse tratar como um jovem, um escravo ou uma mulher, ou seja, como um inferior: aquele que se deixasse penetrar, que realizasse uma felação, uma cunilíngua ou se deixasse cavalgar pela mulher era um ‘impudico’” (BOZON, 2004, os. 25 e 26);

⁵ “...é o não-sexual que confere significado ao sexual, nunca o inverso” (BOZON, 2004, p. 14);

Assim, as diversas mídias apresentam-se, na contemporaneidade, como importante ferramenta na busca por uma segurança identitária, a qual resulta, entre outros fatores, do processo de identificação entre o telespectador e a informação imagética, despertada principalmente pela reprodução contínua de elementos dramáticos comuns ao contexto social vigente. Significações exigidas também pela sexualidade.⁶

Dessa forma, constroem-se imagens sobre a sexualidade que, atentas aos contextos sócio-culturais que geram às expectativas dos telespectadores, conseguem estabelecer os parâmetros necessários àquilo que se quer e se precisa ver e ouvir, como aponta Arlindo Machado:

“Vemos e ouvimos no interior de uma ‘moldura’ (...) que filtra tudo aquilo que, em função dos modelos gnosiológicos, culturais e econômicos vigentes numa determinada época e lugar, conforma o estatuto da visibilidade e da audibilidade” (MACHADO, 2007, p. 204).

Essa padronização dos discursos midiáticos é, por isso, essencial para que o telespectador discirna com facilidade e precisão *quem sou Eu e quem são Eles*. “O meio sabe ‘falar e escutar’ seu público... (..) O meio é ‘democrático’ porque oferece ao público o que este deseja” (VIZER, 2007, p. 32). E o público deseja e precisa ver o mundo dividido em dois. Afinal,

“os processos binários de codificação têm-se constituído um tema básico recorrente, até mesmo pelo fato de sermos seres vivos que se constituem a partir das cadeias básicas de carbono (binárias) como bem coloca a biologia. (...) O homem constrói seus textos culturais em permanente resposta dialógica a suas condições biológicas, alimentando essa dinâmica binária” (CONTRERA, 1996, p. 71).

Assim as diversas classificações - geradas pelo processo de diferenciação - construídas e apresentadas nas narrativas ficcionais devem ser organizadas em pares, os quais se caracterizam como respostas necessárias à consolidação da identidade que precisa entender o mundo binariamente. Essas respostas, a fim de serem eficazmente compreendidas, são manifestadas por meio de regras de conduta prática, as quais podem “ser veiculadas por qualquer instância, mas sua força costuma partir, na modernidade, (...) da palavra daqueles que se autorizam como porta-vozes de estruturas imutáveis e

⁶ “A sexualidade é uma esfera específica – mas não autônoma – do comportamento humano, que compreende atos, relacionamentos e significados” (Idem, p. 14);

intemporais” (SODRÉ, 2002, p. 50). Porta-vozes que, nos tempos atuais, personificam-se por meio da institucionalização da experiência religiosa, da TV, do vídeo, do cinema e até mesmo dos livros de auto-ajuda, todos guardando em seu discurso “uma diversidade de ‘morais’ ou moralidades” (IDEM, p. 49), que ajudam no desempenho e na orientação psico-social⁷ dos indivíduos das diferentes classes.

Os filmes pornô não fogem à regra e, mesmo em seu enredo de práticas sexuais nem sempre aceitas socialmente, guarda um roteiro de condutas que implicam em ações consideradas moralistas e, acima de tudo, necessárias à orientação sexual. É o que revela um dos 7.239 entrevistados na pesquisa sobre sexualidade masculina, desenvolvida por Shere Hite:

“Sinto-me feliz por ter havido pornografia para mim. Os filmes, especialmente, mostraram-me que o sexo era mais do que eu havia aprendido e, apesar de ainda ter de lutar com várias inibições, muitas outras foram superadas em minha mente com a ajuda da pornografia” (HITE, 1986, p. 922).

Isso ocorre justamente por ser a sexualidade do outro frequentemente “utilizada na construção de estereótipos nacionais e culturais que revelam, à sua maneira, as relações existentes entre os povos e, ao mesmo tempo, os sonhos e as fantasias de uma época” (BOZON, 2004, p. 106). E a fantasia sexual nos filmes pornô, assim como em outras mídias, desenvolve-se a partir da identificação entre personagem e telespectador sugerida pela manutenção dos estereótipos de comportamentos sexuais plenamente estabelecidos sob os binômios feminino/masculino, passivo/ativo, ambos sugerindo, por meio do desempenho de seus atores e pelo enredo em si, a auto-afirmação heterossexual masculina.

“...a pornografia reforça nos homens muitas das velhas e estereotipadas atitudes em relação às mulheres... (...) A pornografia mantém nos homens a crença de que as mulheres são do modo que eles querem que elas sejam, ou que lhe disseram que elas são (submissas ou dominadoras, ‘megeras’), e fortalece neles a crença em seu próprio papel sexual. Os homens, lendo e olhando pornografia, sabem que estão compartilhando de algo que os outros homens vêem, e supõem por conseguinte que isso é o que todos os ‘homens de verdade’ querem, com que se identificam e de que gostam” (HITE, 1986, p. 928).

⁷ A pornografia, segundo Shere Hite, “representa certas necessidades ocultas, certas verdades sobre como os homens e mulheres – mas especialmente os homens, porque a maior parte da pornografia é feita por homens – gostariam de ser sexual e psicologicamente” (HITE, 1986, p. 923).

Ou seja, os cenários nas tramas pornográficas são construídos a partir de elementos que reforçam as dicotomias sexuais administradas pelo discurso social vigente; eles – os cenários ficcionais - não dispõem, assim, seus elementos sem atribuir a cada um deles significados que, de alguma forma, reconstruam uma história que se aproxima ou se assemelha daquela vivenciada nos contextos sociais da realidade e, dessa forma, contribuem para o processo de identificação que, segundo Wilton Garcia, coloca “o receptor na condição híbrida de enunciador/enunciatário (remetente/destinatário), sem distinção” (GARCIA, 2005, ps. 13 e 14). E nas palavras de Roland Barthes “a identificação (...) é uma pura operação estrutural: sou aquele que ocupa o mesmo lugar que eu” (BARTHES, 2003, p. 207).

Unindo a afirmação de Barthes ao enunciado de David Le Breton que “o corpo metaforiza o social e o social metaforiza o corpo” (LE BRETON, 2007, p. 71) fica fácil compreender o que permite que a fantasia de quem assista ao vídeo pornô possa se desenvolver de acordo com suas expectativas geradas a partir dos discursos sócio-sexuais cotidianos gerados em torno do corpo.

Dessa maneira, o filme pornográfico, assim como o cinema, a telenovela ou o seriado televisivo, complementa o sentido do sujeito sobre determinadas verdades socialmente estabelecidas desde sempre, proporcionando uma espécie de estabilidade psíquica. Afinal, todas essas produções midiáticas trabalham seus elementos dramáticos em torno das expectativas e das fantasias geradas em sociedade. Por isso,

“Quando se examina a fantasia sexual nos seus mínimos detalhes, percebe-se que nada é deixado ao acaso. Cada detalhe serve para reassegurar, tranquilizar (R. Stoller, citado por Michel Dorais). A esse respeito, a fantasia talvez represente uma válvula de escape graças à qual o homem mantém um equilíbrio entre os seus desejos e as restrições da realidade” (DORAIS, 1994, p. 76). Daí que “a satisfação e a insatisfação que pode provir dos comportamentos sexuais depende não apenas das sensações físicas que elas proporcionam como também das significações e das interpretações que o indivíduo atribui a essas atividades em função de sua socialização, de suas necessidades, de suas curiosidades, de suas angustias, de suas fantasias, de seus mecanismos de erotização e da *influência de seu ambiente*” (IDEM, Ibidem, p. 95, grifo meu).

Mas, se a intenção principal é a obtenção de prazer instantâneo por meio do simulacro sexual percebido como real a partir da manutenção dos estereótipos de comportamento sexual, por que a agressão é tão recorrente nesses materiais, sendo algumas vezes característica fundamental nas produções do gênero? E por que, no caso

dos filmes gays, essas ações de violência física e/ou verbal são geralmente direcionadas aos homens em posição sexual passiva?

O homem e a agressão, o homossexual e a passividade

Primeiramente, porque, nesse caso, a necessidade de humilhar o homem passivo, no vídeo pornográfico, equivale, de forma semelhante, à precisão instintiva em desvalorizar a mulher, ambos os processos engendrados pelo medo da desestabilização do binômio masculino/feminino, ativo/passivo que a aproximação com o feminino (em seus vários sentidos) pode ocasionar; ambos os processos essenciais à auto-afirmação⁸ e conseqüente estabilidade da identidade masculina heterossexual.

Por isso mesmo, nos vídeos pornográficos, expressões desmoralizantes em relação ao feminino podem ser aplicadas para ambos os sexos (no caso masculino, aos atores que exercem a atividade sexual passiva), a fim de afirmarem a heterossexualidade masculina a partir do momento que menosprezam as sexualidades já consideradas inferiores. “Todo comportamento sexual é percebido a partir dessas categorias de atividade e passividade, estritamente associadas ao masculino e ao feminino. Aliás, o masculino não se define apenas em relação ao feminino, mas também a outras imagens desvalorizadas do masculino” (BOZON, 2004, p. 23). E mais:

“...as mulheres e os homens gays vêm se converter em um outro contra os quais os homens heterossexuais projetam suas identidades, de tal modo que eles devem afirmar sua virilidade colocando-se em posição de destaque em relação a esses outros, suprimindo-os e proclamando, assim, sua própria virilidade” (FILGUEIRAS & ADRIÃO, 2005, p. 100).

Assim, “para ser homem é preciso não ser associado à mulher. O feminino torna-se o pólo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de também ser assimilado a uma mulher e também ser (mal) tratado como tal (IDEM, p. 102)”. Como conseqüência, o ser dito masculino tende, entre outras imposições viris, a “desprezar o homem que assume a ‘condição feminina’, pois este é para ele a abominação e a inferiorização máxima. É decadência qualitativa” (NUNES, 1987, p. 50).

⁸ “A exaltação dos valores masculinos tem sua contrapartida tenebrosa nos medos e nas angústias que a feminilidade suscita” (BOURDIEU, 2002, p. 64).

Por isso, nos cenários pornôis, os elementos “posição sexual ativa” e “imposição sexual” (esta associada ao castigo) se confundem e se completam em assimilações muito particulares de quem constrói a cena (os atores) e de quem se deixa conduzir pela cena construída (o telespectador); assimilações que, por meio da prática da violência e da transgressão moral, consolidam fantasiosamente a identidade heterossexual masculina e associam a virilidade a uma prática sexual compulsiva. “A compulsão sexual pode assumir várias formas (...) para a maioria dos homens com essa compulsão, o ‘prazer’ de humilhar a mulher conquistada (ou, nas relações homossexuais, o homem que faz o papel da mulher) é suficiente” (EISLER, 1996, ps. 329 e 330).

Dessa forma, a imagem do fazendeiro que subjulga o corpo de seu empregado a uma série de posições sexuais consideradas inferiores diz ao telespectador que, de alguma forma, “a justiça foi feita”. Ou mais do que isso. As imagens de humilhação em relação ao penetrado, nos vídeos pôrnos, resguardam do sentimento de culpa vários dos sujeitos de uma sociedade como a nossa, na qual, dentro de uma relação homoerótica, homossexual é o agente que desempenha a função sexual passiva, e não quem exerce a penetração. Isso demonstra que “enquanto praticada na sua forma ativa, a homossexualidade pode ser considerada pelo homem como um meio de afirmar seu poder; sob sua forma ‘passiva’, ela é, ao contrário, um símbolo de decadência” (BADINTER, 1993, p. 118).

Em outras palavras, se é o corpo “o lugar em que os que fazem o mundo esperam ver representados os comportamentos promovidos ou exigidos por ele” (CANCLINI, 2008, p. 42) e se é o sexo um ideal regulatório que “qualifica o corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2007, p. 155), nada mais claro que uma audiência (mesmo formada por homens homossexuais), acostumada desde cedo com discursos de inferiorização do corpo masculino homossexual, sinta-se plenamente confortável diante da reprodução imagética inferiorizada desse mesmo corpo e encontre nesta imagem justificativas para várias de suas ações de poder.

Assim, em meio a uma trama ficcional que desconstrói qualquer possibilidade romântica⁹, desenvolve-se o ato do castigo público aos homossexuais (compreendidos

⁹ A ausência de tramas românticas acompanha a lógica da ausência de sentimentos nas relações sexuais masculinas, principalmente nas relações homoeróticas, como podemos verificar na declaração de um dos entrevistados na pesquisa sobre sexualidade masculina, desenvolvida por Shere Hite: “Posso chupar o pau de um homem, comer seu cu ou ser comido, mas eu detesto beijá-lo sexualmente. Não hesitaria em beijar um homem, pai, irmão, etc., no rosto,

como seres femininos), estigmatizados por um ideal de poder masculino heterossexual que parece ainda amparado pelos padrões patriarcais de conduta sexual gerados à época da “criação dos discursos sobre a sexualidade”, nos séculos XVIII e XIX. Dessa forma, o corpo passivo homossexual amplia sua passividade, deixando de ser apenas uma posição física e se estabelecendo representativamente como um molde social útil à autoafirmação de um corpo ativo e heterossexual¹⁰.

“O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do ‘inabitável’ é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito; ela constitui aquele local de temida identificação contra o qual – e em virtude do qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida” (BUTLER, 2007, p. 155)

A passividade é, pois, nas produções pornográficas, o “outro” e a agressão a maneira de revelar esse outro publicamente. Exposição essencial à manutenção coletiva da virilidade¹¹ e à construção de uma identidade heterossexual, a partir do processo de classificação e exclusão que o fortalecimento da virilidade produz.¹² Por isso “a masculinidade é regularmente submetida ao desafio dos pares e deve ser ininterruptamente manifestada (...) por meio de uma virilidade permanente no desempenho sexual...” (BOZON, 2004, p. 28).

Do vídeo para a realidade: o ânus como território de batalhas sócio-sexuais

Essa necessidade de diferenciação e exclusão tem a ver também com a consciência da passividade e feminilidade inerente à sexualidade masculina que o “outro” homossexual traz, no vídeo e na realidade: “o outro cultural é sempre um problema, pois coloca permanentemente em xeque nossa própria identidade”. (SILVA, 2007, p. 97). E ainda:

mas beijar um homem sexualmente me parece veadagem demais” (HITE, 1986, p. 83). Desse modo, “o roteiro hipermasculino para o sexo não somente é destituído de afeto. Em última análise, também é destituído de prazer – exceto, como Mosher e Tomkins observaram, o ‘prazer’ de impor sua vontade através do medo e da força” (EISLER, 1996, 331);

¹⁰ “O poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque o *constroem* como poder” (BOURDIEU, 2002, p. 52);

¹¹ “Como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de *medo* do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (IDEM, p. 67);

¹² A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. (SILVA, 2007, p. 82).

“O anormal é inteiramente constitutivo do normal. (...) Aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do ‘dentro’. (...) A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu outro, sem cuja existência ela não faria sentido” (IDEM, *Ibidem*, p. 84).

Daí que alguns homens assumam, mesmo a contragosto, as suas inclinações à passividade durante a relação sexual, daí que persista ainda nos dias de hoje “o convite a uma carícia na zona anal (...) convite esse que corresponde na realidade a um ato de ternura que sucumbiu à repressão” (FREUD, 1976, p. 92). É essa repressão, refletida na (auto) censura, que comove os homens a identificarem o feminino (no que se refere à passividade representada pelas mulheres e pelos homossexuais) como um aspecto negativo à masculinidade. Assim, “o homem peleja sempre contra si mesmo para jamais ceder à fraqueza e à passividade que estão sempre à sua espreita” (BADINTER, 1993, p. 133).

Partindo dos enunciados, posso constatar que a origem da agressão de homens ativos em relação aos homens passivos não está apenas na orientação sexual deste último grupo, mas na forma como o sexo se orienta entre seus membros, se levarmos em consideração os estereótipos e os discursos sociais gerados em torno dos homossexuais, que os revelam como um “outro” feminino, completamente alheio ao binômio homem/ativo x mulher/passiva. Por isso,

“Homens heterossexuais tendem a ser mais preconceituosos contra gays do que mulheres heterossexuais. A explicação mais provável para este fenômeno é de que na sociedade ocidental existe uma forte correlação entre masculinidade e heterossexualidade, o que faz com que os homens sejam pressionados (social e psicologicamente) a afirmar sua masculinidade rejeitando elementos que não sejam culturalmente definidos como masculinos (ser gay, por exemplo)...” (NUNAN, 2003, p. 91).

A agressão está diretamente ligada ao medo da passividade (no seu sentido mais amplo), mas também à incompreensão do sexo entre homens (no seu sentido mais restrito: o sexo anal). É o que mostra alguns dos entrevistados heterossexuais de Hite: “É um ato inatural entre duas pessoas do mesmo sexo. (...) É um abuso dos órgãos, cujo objetivo foi divinamente estabelecido” (HITE, 1986, p. 936). Já os homossexuais, quando entrevistados, fizeram notar que muitos homens que se consideravam heterossexuais sentiam de vez em quando atração por outros homens e tinham pavor

desses sentimentos: “Homossexualidade é tabu porque é uma tentação” (IDEM, *Ibidem*).

Dessa forma, os homossexuais, a partir da imagem social que se constrói em torno deles, além de despertar a rejeição, lembram aos demais homens que a passividade (em todos os seus sentidos) é inerente ao gênero e isso traz como consequência a raiva, que “assim como o desejo de amor, alimenta a sexualidade episódica do homem, muito, muito freqüentemente, ela é a base do masoquismo e do desejo de submeter-se, uma síndrome relacionada com a vergonha” (GIDDENS, 1993, p. 143).

O fim de tudo, parece-me, é o sexo anal (justamente por se transformar em um dos códigos que referencia o *outro*): essa possibilidade de passividade (no seu sentido mais amplo) que a imagem da penetração gera. Dessa forma, o ânus deixa de ser uma área erógena e torna-se uma zona de conflitos ideológicos, psicológicos, sentimentais, religiosos. “Com homem não te deitarás, *como se fosse mulher*; é abominação (LEVÍTICO, Capítulo 18, Versículo 22, grifo meu). Daí que a abominação entendida como “mostrar-se sob uma forma sexual feminina” recaia apenas sobre o agente passivo, ressaltando a masculinidade daquele que, mesmo imerso na homossexualidade, apresenta-se sob os aspectos heterossexuais de dominação exigidos pela ordem social vigente: ele penetra.

Sendo assim, permitir-se à passividade significa, ainda que nem sempre de uma forma consciente, “tornar-se” mulher, ou um homem num grau menos elevado e, por isso, “disposto” à dominação por parte dos verdadeiros seres masculinos, ainda que estes exerçam também a atividade homoerótica.

“Nas culturas latinas (e em alguns contextos anglo-saxões específicos, tais como relacionamentos entre homens de classe baixa e dentro do sistema penitenciário), homossexual não é o homem que tem relações sexuais com outros homens, mas aquele que é visto como passivo. (...) Em outras palavras, a homossexualidade seria definida não pela escolha do objeto sexual, mas pela distribuição de poder e dominação na relação sexual” (NUNAN, 2003, p. 133).

Esse processo de percepção da imagem do homossexual como “aquele que é penetrado” e do heterossexual como “aquele que penetra” relaciona-se ao processo de construção de identidade na contemporaneidade, o qual resulta da diferença, da classificação, da distinção, da separação, da exclusão. Da estigmatização.

E, como “a estigmatização dos homossexuais é, sem dúvida, resultado do processo de classificação de sexualidades” (BADINTER, 1993, p. 104), a qual constrói a idéia social de passividade latente homossexual, o “outro” e seu ânus se tornam processos fundamentais na construção irreal de uma identidade heterossexual forjada, no caso das tramas sexuais desenvolvidas nos filmes pornô.

Por isso também - agora falando sobre as relações sexuais na realidade - homens que escondem de si mesmo suas necessidades de passividade, tendem a utilizar sua virilidade – imaginária (quando se aproveitam de materiais pornográficos) e física (quando estabelecem práticas regulatórias dentro das relações sexuais com outros homens) – como uma forma de castigar e se sobrepor àqueles que lhe mostram o quanto de prazer há na subversão de papéis socialmente pré-estabelecidos e, por meio desse castigo (a penetração e outras formas de regulamentação), afirmam a sua identidade de heterossexual.

“Uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões. É em referencia a ela que se fazem não apenas os corpos que se conforma às regras de gênero e sexuais, mas também os corpos que a subvertem” (LOURO, 2008, p. 17).

Assim, as imagens pornográficas criadas a partir da fantasia, a qual é gerada pelo temor ao feminino e conseqüente (auto) repressão sócio-sexual masculina, mostram que, ainda na atualidade, a representação sexual do homem tem sido reduzida “a uma prática sexual que nega o corpo masculino como fonte de prazer, fazendo com que desta negação seja mantida uma separação entre corpo, genitais e envolvimento afetivo” (NOLASCO, 1995, p. 123). Dessa forma, desenvolvem-se tramas ficcionais (que se baseiam e referenciam a vida prática), nas quais os corpos se distanciam, ao se aproximarem demais.

Referências

BADINTER, Elisabeth. **XY: Sobre a Identidade Masculina**. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1993;

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo, Martins Fontes, 2003;

BÍBLIA SAGRADA. Barueri, Sociedade Bíblica do Brasil, 1998, 2ª Edição;

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. **Falas de Homens: A Construção da Subjetividade Masculina**. São Paulo, Ed. Annablume, 2002;

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 2ª edição, 2002;

BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2004;

BUTLER, Judith. *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: **LOURO**, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, Autêntica, 2007;

CANCLINI, Nestor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo, Iluminuras, 2008;

CONTRERA, Malena Segura. **O mito na mídia – a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação**. São Paulo, Ed. Annablume, 1996;

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício – estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará, 1992;

DORAIS, Michel. **O erotismo masculino**. São Paulo, Edições Loyola, 1994;

EISLER, Riane. **O prazer sagrado: sexo, mito e política do corpo**. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1996;

FILGUEIRAS, Maria Juracy & **ADRIÃO**, Karla Galvão. *Sexualidades masculinas: perspectivas teórico-metodológicas*. In: **GROSSI**, Miriam Pillar... (org). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro, Ed. Garamond Universitária, 2005;

FREUD, Sigmund. **Atos obsessivos e práticas religiosas**. Rio de Janeiro, Imago Editora LTDA, 1976;

GARCIA, Wilton. **Corpo, mídia e representações: estudos contemporâneos**. São Paulo, Pioneira Thompson Learning, 2005;

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade – sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo, Editora Unesp, 1993;

HITE, Shere. **O relatório Hite sobre a sexualidade masculina**. São Paulo, Ed. Difusão Européia do Livro, 1986, 2ª Edição;

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, Editora Vozes, 2007, 2ª Edição;

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte, Autêntica, 2008;

MACHADO, Arlindo. **O sujeito na tela: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço**. São Paulo, Paulus, 2007;

- NUNES**, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas, Ed. Papyrus, 1987;
- NOLASCO**, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1995, 2ª Edição;
- NUNAN**, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Editora Caravansarai, 2003;
- SILVA**, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Editora Vozes, 2007, 7ª Edição;
- SODRÉ**, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, Editora Vozes, 2006, 2ª Edição;
- TESCH**, Adayr. *Gênero e regime escópico na ficção seriada televisiva*. In: DUARTE, Elizabeth Bastos e CASTRO, Maria Lília Dias (org). **Televisão: entre o mercado e a academia**. Porto Alegre, Editora Sulina, 2006;
- VIZER**, Eduardo. *Movimentos sociais: novas tecnologias para novas militâncias*. In: FERREIRA, Jairo e VIZER, Eduardo (org). **Mídia e movimentos sociais: linguagens e coletivos em ação**. São Paulo, Editora Paulus, 2007.